A Illustração Portugueza

Semanario

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

SUMMARIO

CHRONICA

Muita chuva e muita politica.

A primeira molha-nos; a segunda maça-nos.

Emquanto o ceu inclementissimo despeja, sem ceremonia, torrentes d'agua cá para baixo, o nosso parlamento continua a despejar sobre o paiz aguaceiros de rhetorica ininterruptos.

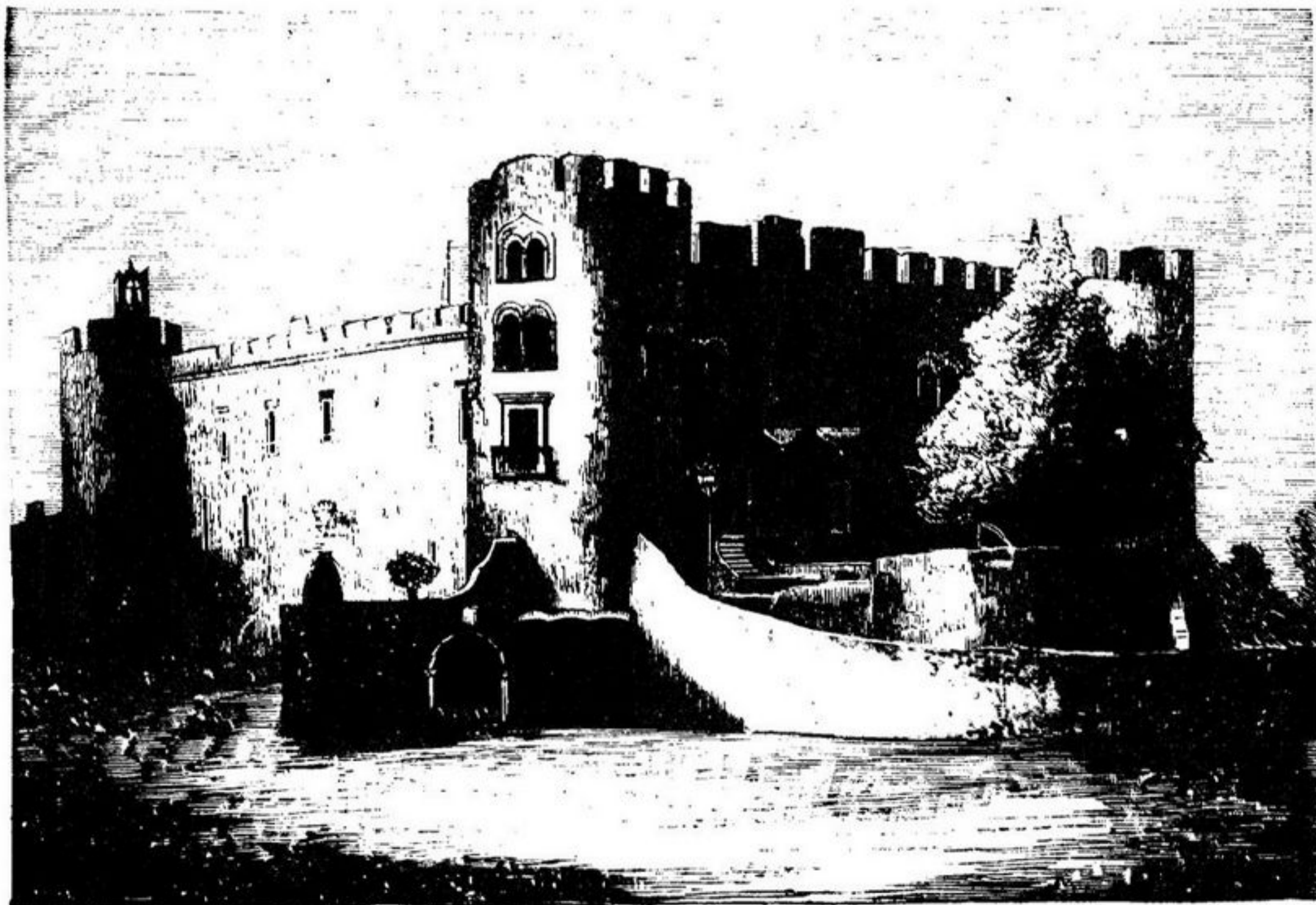
No Chiado, um lamaçal viscoso e denso, que macula o verniz dos nossos sapatos ponteagudos. Em S. Bento, uma saraivada de discursos, que, por vezes, chegam a macular os ouvidos menos castos.

A questão politica vae de foz em fóra, vomitando imprecações virulentas. Não ha pôr-lhe diques nem marcar-lhe barreiras. Rio agitado e caudaloso, que sahiu fóra do leito, alastra-se varrendo tudo, expande-se e altera-se cada vez mais, seguindo uma carreira desenfreada e louca.

Tudo isto por causa d'um celebre *accordo*, que ahi se tentou fazer e que nunca foi feito.

Accordos em politica!

E' como se dissessemos aos alsacianos que firmem pazes com os allemães, e aos judeus que vão pactuar com o Padre Santo.

A politica foi e ha de ser sempre um desaccordo completo. Ao invez do que succede com as cores do espectro solar, de cuja

O CASTELLO DE ALVITO

reunião nasce a luz branca, como diria o sr. Barros Gomes, os partidos politicos só se juntam para produzir a côr negra do chaos, a confusão, a desharmonia, a desordem.

Não ha pactos possiveis entre facções que se digladiam á *outrance*, hasteando bandeiras onde estão inscriptos lemmas diversos.

O accordo entre progressistas e regeneradores foi um sonho ou uma ingenuidade. Nunca o tomámos a serio, por isso não nos espanta que elle haja sido quebrado agora, como uma lamina de crystal, no seio das côrtes constituintes.

Tinha de succeder assim, havia de succeder por força.

Mas esta nossa convicção profunda e arraigada não podia conduzir-nos á expectativa de tantos discursos proferidos no parlamento. Com verdade o dizemos: nunca ao nosso espirito acudiu a idéa de que os *desaccordados* chegassem a descompôr-se do alto da tribuna por aquella fórma.

O nosso optimismo ingenuo julgara-os incapazes de representar essa deploravel comedia pouco edificante, aos olhos do paiz inteiro.

Depois, tudo aquillo já fôra dito em lettra redonda pelos jornaes d'ambos os campos: estava registrado na imprensa: não tem sequer o cunho da originalidade: não ensina, nem illustra, nem moralisa, nem commove. As mesmas phrases picarescas, os mesmos argumentos sediços, chá refervido que enfastia, banalidades chochas que provocam nauseas.

Afinal de contas, ficamos sem saber como se extingue o deficit, como se hão de fazer subir os fundos em Londres, como se resolve a eterna questão de fazenda, qual é o systema d'allianças preferido por gregos ou troyanos, qual teria sido o melhor modo de conduzir as negociações do Zaire e de resolver os variadissimos problemas administrativos, que ahi se impõem ás esphinges politicas d'esta boa terra burgueza.

E os dias passam, e o tempo corre vertiginosamente, e o sr. Navarro a explosir invectivas duras, e o sr. Assumpção a rendilhar periodos d'um atticismo formoso, e o sr. Luiz Bivar, do alto da cadeira presidencial, a repetir todos os dias, somnolento e contrariado, com a nostalgia das suas chinellas bordadas a lãs escuras, aquella velha phrase estafadissima: —«tem a palavra sobre a ordem.»

A's vezes s. ex.ª quereria dizer «sobre a desordem» mas a sua gravidade de presidente não lh'o permitte.

Agora reparo em que ia resvalando, sem o sentir, para a perpetração d'um artigo de fundo, muito mais maçador, sem duvida, que o palavriado retumbante dos senhores deputados.

Mas socega, minha estimabilissima leitora, socega, que te não virei reproduzir, nem mesmo em doses homeopathicas, os discursos de suas excellencias.

Se bem, que o teu sexo gentil revela, desde o começo da sessão constituinte, um pronunciado interesse pelos debates parlamentares. A galeria das damas povoa-se todos os dias, em S. Bento, de rostos femininos muito curiosos, muito attentos, mais attentos, talvez, que os dos nossos jornalistas.

Póde ser que tu mesma lá estivesses, mordendo com o olhar, atravez os crystaes do teu *lorgnon* petulante, a mocidade dourada que sahiu da urna por entre as folias de S. Pedro.

Hoje tornou-se moda ir á camara baixa, ao passo que os theatros se vão despovoando. Prefere-se a cantata das reformas politicas á cavatina do *Barbeiro* gorgeiada pela Sembrich. Agradam mais as variações sobre o thema do adiamento e da dictadura, no theatro parlamentar, que as variações de Proch no theatro lyrico.

São gostos.

Eu quero-me antes com o 4.º acto da *Traviata* que com o 2.º acto do *Accordo*. N'aquelle, corro apenas o risco de supportar alguma lilia do Ravelli: n'este sujeito-me a ser ferido pelo estilhaço d'alguma carteira, feita pedaços sob o murro valente de qualquer pae da Patria sanguineo.

Em S. Carlos póde arranhar-me a membrana do tympano uma nota desafinada do baixo David. Em S. Bento estou arriscado a ouvir as notas discordantes d'um vocabulario que não prima por demasiado academico.

Considerando, pois, que os animos estão exaltados, leitora amiga, considerando, outrosim, que a politica indigena se desnuda ás vezes no seio da representação nacional, apesar do frio, como a lendaria Phryné diante dos seus juizes, e tendo em vista que nem sempre onde se fazem as leis se ensina a mais austera moralidade, aconselhar-te-hei, minha querida, a que não troques a santa paz do teu *boudoir* perfumado pelas sessões da camara electiva, n'estes dias de *desaccordo* e de escaramuças rhetoricas.

Eu bem sei que a reforma eleitoral trouxe ao parlamento a fina flôr da juventude academica, preciosos exemplares da mais fina gentileza masculina: mas... desconfia d'elles: não são o que parecem. Sob aquelles buços incipientes ha uns labios d'onde nem sempre emanam as doçuras do Hymetto, podes crel-o.

A politica tem o dom de transformar e corromper. Foge d'ella, e fica-te em casa.

Mas a que proposito veiu tudo isto?

Ah. Já sei.

Queria eu dizer que a discussão do projecto de resposta ao discurso da corôa continua, e queria tambem encher papel. Quando os assumptos não sobejam, lança-se mão de todos os recursos.

E porque os factos notaveis da semana foram raros, e porque a despedida da Sembrich não teve marcha *aux flamb eaux* nem toques de charamellas, e porque não vale a pena contar-te que um filho de Marte se suicidou por amores mal correspondidos, que houve crise no ministerio, que os nossos fundos teem continuado a descer em Londres e que a sr.ª Cecilia Fernandes é ainda a modista de Lisboa mais favorecida pela *réclame*, despeço-me de ti até á semana, ficando certo de que te não dei uma chronica, mas que fiz simplesmente uma *blague*.

C. DANTAS.

GARRETT E O SEU TEMPO

V

Não podemos acompanhar passo a passo o sr. Gomes de Amorim na sua excellente obra. Temos assim de passar em claro a historia da publicação dos dois celebres poemas, a que dedicamos o nosso anterior artigo. Não diremos como foi que debalde Garrett procurou editor para o seu *Camões*, que hoje conta já oitava edição, apesar de ter apenas sessenta annos, caso rarissimo em Portugal para obras poeticas. O grande exito obtido por esse poema fez emfim com que João Pedro Aillaud se decidisse a editar a *D. Branca* por um preço mesquinho. O *Camões* fôra impresso á custa do auctor, havendo quem ficasse de fiador para com a imprensa.

A gloria, que resultou para o grande poeta da publicação d'esses dois admiraveis livros, não o consolava nem das amarguras do exilio, em que tinha de continuar, porque o governo de Lisboa excluira-o da amnistia geral, nem das estreitezas da sua existencia, porque perdera o emprego, tornára-o a alcançar, perdera-o de novo, e vira-se em taes apertos que acceitou a parca remuneração que Aillaud se dignou outhorgar-lhe para colleccionar as poesias que haviam de constituir o *Parnaso Lusitano*, e prefaciar a obra.

Esse prefacio é aquelle encantador *Bosquejo de historia da litteratura portugueza*, trabalho deficiente e superficial, mas que está deliciosamente escripto, e em que o fino gosto do auctor a cada linha se revela.

Entretanto sua mulher, tendo regressado a Portugal, andava sollicitando nas secretarias que levantassem o interdicto que pesava sobre Garrett. Era imprudencia grande do eminente poeta confiar semelhante encargo a loira e leviana Luiza. Assumpto é este, comtudo, que não trataremos senão muito ligeiramente, e, se alludimos a este caso, é apenas pelo vivissimo desejo de sermos imparciaes. O sr. Gomes de Amorim accusa com rasão D. Luiza Midosi de ter perturbado cruelmente o lar domestico. Para sermos justos devemos dizer que era um poucochinho culpado o marido que consentia em dever o seu regresso ao reino ás commoventes supplicas de sua formosa esposa.

Levantou-se emfim o interdicto, mas parece que Garrett não regressou ao reino senão quando foi promulgada a Carta Constitucional. Abria-se uma época auspiciosa para o seu paiz, e Garrett aproveitou-se d'isso para vir saborear na sua patria os fructos da liberdade, e entrar nas pugnas que se abriam a todos os cidadãos no campo da imprensa.

Apenas chegou a Portugal, lançou a sua *Carta de guia aos eleitores*, obra realmente notavel não só pela sensatez das idéas mas tambem pela moderação da linguagem e dos principios, mostrando assim que o exilio não o azedara, nem o obrigara a affastar-se d'aquella justissima temperança que era em tudo o caracteristico do seu espirito e do seu talento.

O que tornou porém notavel este periodo da vida de Garrett foi a sua estreia como jornalista. Fundando o *Portuguez* e a *Chronica*, o grande poeta foi entre nós o iniciador do jornalismo sob os seus diversos aspectos. Jornalista politico, mostrou ao paiz costumado ás torpes diatribes de José Agostinho de Macedo e ás sanguinolentas represalias dos seus adversarios o que era nos paizes livres esse quinto poder de Estado. A linguagem seria e elevada do *Portuguez* era uma novidade no nosso paiz, e hoje sel-o-hia outra vez. O exemplo não foi seguido, e Garrett ficou sendo em jornalismo como em litteratura unico e inimitavel.

O folhetim foi tambem creado por Almeida Garrett. Foi elle que inaugurou no nosso paiz o genero de critica theatral, fina e espirituosa. E' curioso reler esses primeiros folhetins portuguezes, estreias tambem n'esse genero d'aquelle encantador humorista que havia de escrever depois essa preciosa collecção de folhetins que se intitula *Viagens na minha terra*.

O primeiro folhetim de Garrett é em louvor de uma cantora de S. Carlos chamada Madame Sycard, que tinha na platéa, como a Reszké ou a Pasqua ha dois annos, partidistas e adversarios. Garrett declarou-se *sycarista*.

«Havia uma lei em Athenas que punia a todo o cidadão que nas dissenções publicas não tomava partido. Ora supponhamos que havia essa lei no nosso theatro, em materia de gosto, e que era forçoso escolher bandeira. Não havia que hesitar; Sycaristas decididos.

E' la bellá del cielo
Un raggio che innamora
E deve il fato ancora
Rispetti á la bellá.

E' um peso este na balança que destroe todo o equilibrio.»

Segundo parece, a Sycard era bonita, e Garrett, fiel ás crenças da sua vida inteira, lançava-lhe logo aos pés o coração e a penna. O modo como se defende contra similhante supposição mais faz suspeitar ainda que é perfeitamente verdadeira:

«Este testemunho é o mais sincero, porque é perfeitamente desinteressado. Muita gente o não acreditará, e não ha de faltar quem diga que, por mais que disfarce, quem assim escreve

Giá porta in mezzo al core
La ferita, e non lo sá.

Enganam-se muito; não é vaidade nem presumpção, mas não se entregam assim as chaves do castello; defende-se a gente á *Marton de Freitas*, se o caso lá chega.»

O *Portuguez* e a *Chronica* não podiam existir muito tempo. Esse periodo pseudo-constitucional de 18.6 a 1828 é um dos periodos mais curiosos da nossa historia. O governo diz-se liberal e persegue os liberaes Manda exercitos contra os absolutistas, e faz votos pela victoria dos seus inimigos. Para a facilitar tira ás divisões que organisa os generaes que as conduzem á victoria, como fez a Claudino. Finalmente, como o *Portuguez* o defendesse, perseguiu o *Portuguez*. A historia é curiosa:

O ministro da justiça publicára uma portaria em que se tomavam algumas medidas preventivas, que impedissem as brigas constantes que se davam entre o povo da capital e os soldados da divisão ingleza Clinton. Os jornaes estrangeiros interpretaram erradamente a portaria, dando a entender que o povo portuguez assassinava nas proprias ruas da capital os soldados de uma nação amiga. A estas calumnias respondeu energicamente o *Portuguez*, e levava tão longe a sua patriotica defeza que chegava a desculpar o governo accusado e justissimamente accusado de amordaçar a imprensa. A isso dizia Garrett «que as côrtes se occupavam de regular a censura, e que, emquanto o não fizessem, o governo não podia obrar differentemente do que obrava para evitar a licença.»

«Nos temos muitos defeitos, dizia elle ainda, estamos mui desmoralisados pelo governo *byzantino* e sybarita que nos tem confrangido e apodrecido; mas o caracter do povo é bom, a nação como todas as outras, e, se a illustração não é tão geral como em algumas outras nações, ha talvez mais desejo de a possuir.»

O governo parece que devia ficar agradecido ao *Portuguez*, que era um jornal da opposição, por ter assim tomado a sua defeza. Pois fez exactamente o contrario! Perseguiu-o! Accusou-o de violencia na sua resposta aos jornaes francezes, violencia que podia trazer complicações internacionaes; accusou-o de ter fallado em governo byzantino, porque aquelle governo liberal considerava-se solidario com os governos absolutistas que o tinham precedido.

Pois esteve o *Portuguez* em risco de morrer d'essa feita, por ser demasiadamente *portuguez*. Escapou depois de muitas amarguras, e passando a viver uma vida atribulada, quasi sem se occupar de politica, tendo os artigos frequentemente supprimidos pela censura. Afinal, quando houve os celebres tumultos da *archotada*, deu-se a catastrophe. O artigo do *Portuguez* era bem moderado, mas ainda assim não escapou de ser fulminado, sendo fulminados tambem os redactores, que foram todos presos, sem forma regular de processo, postergando-se contra elles todos os artigos e todas as garantias da Carta Constitucional.

Os presos foram Joaquim Larcher, que depois foi par do reino, Antonio Maria Couceiro que morreu ha poucos annos exercendo o logar de secretario do Conselho Geral das Alfandegas, Paulo Midosi companheiro e amigo particular do nosso poeta, Garrett, Carlos Morato Roma que depois adquiriu reputação como economista e financeiro, e Luiz Carlos Midosi.

Depois de tres mezes de prisão, os jornalistas afinal saíram soltos, á força de muitos empenhos, mas o jornal é claro que não resuscitou.

Por este e outros incidentes se podia ver bem qual era a indole d'este governo que se appellidava de constitucional. Era o bastante para que o nosso poeta, quando viu apparecer D Miguel em Portugal, fizesse logo idéa do regimen que se ia seguir. Por isso tratou de se pôr em seguro, emigrando de novo para Inglaterra com sua mulher.

Recomeçava o exilio para Garrett. Era a sua segunda ou a sua terceira emigração; terceira, se mettermos em conta o facto de ter saido de Portugal, depois de se haver demorado alguns dias em Lisboa, quando aqui veiu em commissão mysteriosa, enviado pelos seus amigos de Inglaterra.

Mas esta é que ia ser a verdadeira e celebrada emigração.

PINHEIRO CHAGAS.

LACRYMA

Cáe a gotta d'orvalho sobre a planta
E depois... e depois... rola no chão!
Assim o teu amor,—lagrima santa—
Um dia me cahiu no coração.

Mas qual gotta d'orvalho que na planta
Por um momento oscilla, e cáe no chão,
A luz do teu amor, que eu cria santa,
Foi procurar um outro coração!...

Coimbra, 1884. EÇA DE ALMEIDA.

AS NOSSAS GRAVURAS

O CASTELLO DE ALVITO

Alvito teve principio nos primeiros annos da monarchia portugueza. Cremos que foi D. Estevam Annes, collaço de D Affonso III, a quem, por assim dizer, se póde attribuir a fundação da villa, pois que foi elle quem ali edificou as primeiras casas, que alugou ou deu a muitas pessoas. A população cresceu, e tanto, que D. Estevam Ennes mandou edificar uma egreja com a invocação de S. Romão

Isto remonta a 1264, pouco mais ou menos, porque em 1265 já D. Affonso III, passando por ali, concedia alguns previlegios áquelle povo.

E' muito discutivel a etymologia do vocabulo *Alvito*, que serve hoje de nome aquella povoação do centro do Alemtejo. Diz-se, e não sabemos o fundamento, encostando-nos por isso n'este ponto ao illustre mestre, o sr. Vilhena Barbosa, que o nome d'esta formosa villa é uma corrupção, feita atravez dos seculos, da palavra *alvitre*, empregada por *alvicaras*.

Em meiado do seculo XVI edificavam ali os condes barões de Alvito um convento de freiras, com a invocação de Nossa Senhora dos Martyres, e que esta hoje de voluto, segundo cremos.

O castello de Alvito, não se sabe ao certo quando foi fundado, visto que, na inscripção que existe sobre a porta principal, ha dois anachronismos de tal ordem que não deixam a menor duvida de que a sua collocação é muito posterior á edificação do castello.

Crê-se, porém, que remonta ao tempo de D. João II, como D. Antonio de Sousa affirma na «Historia genealogica da casa real portugueza».

Este castello, que o é em toda a extensão da palavra, contém em si um magnifico palacio, solar dos marquezes de Alvito.

O castello ergue-se magestoso sobre uma pequena collina, cercada de enormes planicies por todos os lados, e compõe-se de quatro fachadas, que teem nos remates outras tantas torres, um pouco mais elevadas. Ao centro ha um espaçoso pateo guarnecido de arcadas.

Dá entrada ao castello uma ponte levadiça sobre um fosso, servindo-lhe como que de atrio um espaçoso largo, que é a praça publica da villa, mas que pertence ao castello.

No portão de entrada ha dois brazões. São o das armas reaes, e o da casa dos marquezes de Alvito.

Sobre as quatro fachadas do castello corre um passadiço guarnecido de ameias com setteiras, e que communica com as torres.

A VISITA DA FAMILIA «DIANA»

Uma familia respeitavel: mãe e quatro filhinhos de tenra edade. Aquella chama-se *Diana;* estes não foram ainda baptisados.

E' a primeira vez que sáem do seu berço de palhas e fetos, para visitar os donos: veem medrosos, vacillantes, desconfiados. Mas a recepção é cordeal e affectuosa. Os pequenos da casa não podem ser mais obsequiadores.

A cadella mãe comprehende que está em territorio amigo, e anima a gentil prole, com meigas caricias, a mostrar-se quieta e serena.

Entre as creanças e os cachorros recemnascidos estabelece-se logo um santo convivio. Não ha favor que se não dispense aos visitantes. O pão cazeiro leva uma cresta formidavel. Os beijos fervilham e os affagos não têm conto.

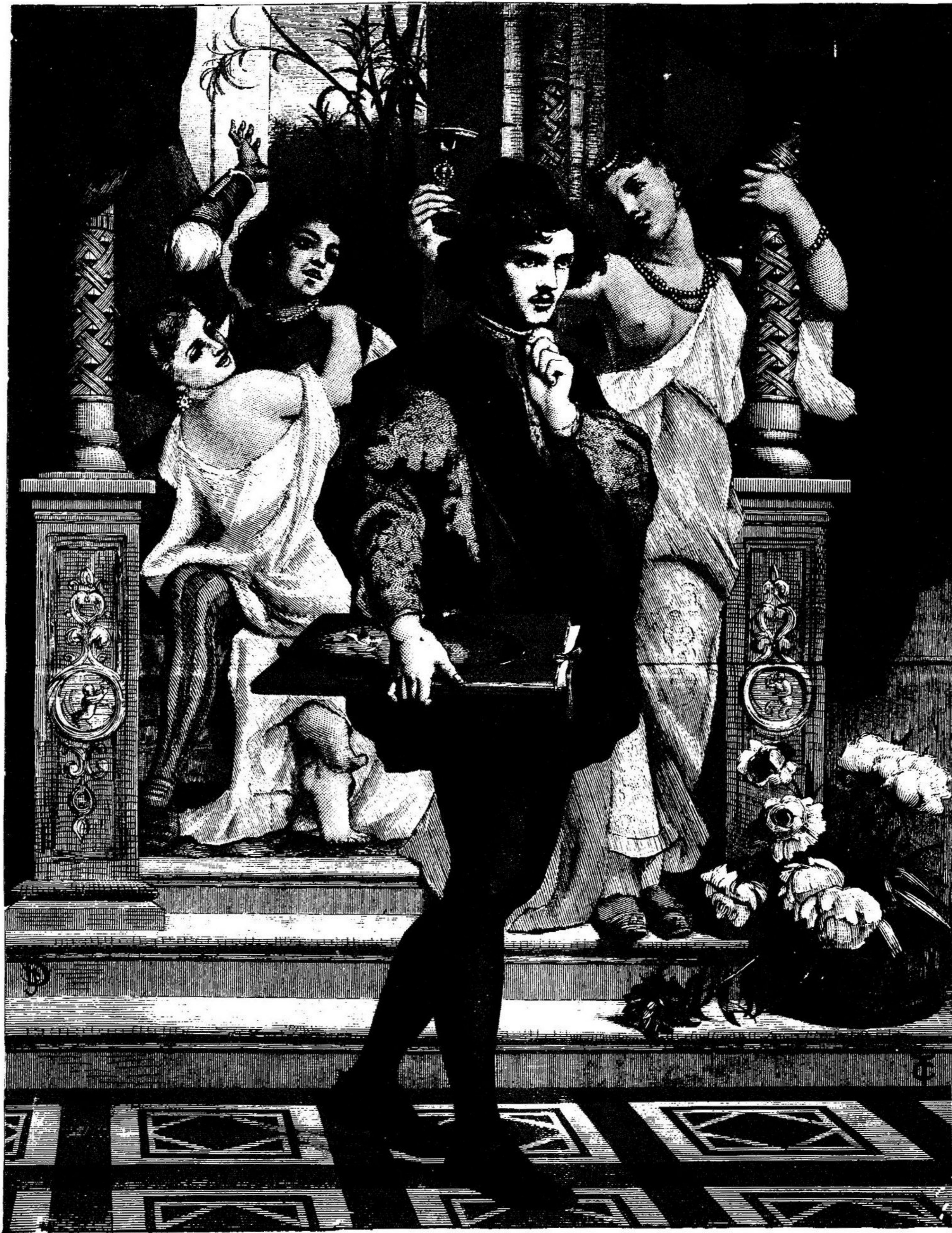
O certo é que a familia «Diana» sáe d'ali contentissima para os seus penates, e no dia seguinte repete a visita.

NO DESABROCHAR DA VIDA

Uma aurora que se illumina, um botão de rosa que se expande.

Fresca e gentil como as açucenas, ainda não lhe crestou as petalas uma lufada de vento abrasador.

Desabrocha apenas, e não sabe do mundo senão o que os seus bellos olhos de creança veem.

A VISITA DA FAMILIA «DIANA» (Quadro de Adolf Eberle)

O CAMINHO DO DEVER

(Quadro de Merle)

NO DESABROCHAR DA VIDA (Quadro de Alfredo Seifert)

Para ella só ha risos, flores, chimeras douradas, sonhos d'innocente.

O Mal desconhece-o e ignora-o: não sabe que existe, não pensa que se acoite ao alcance da sua mãosinha de fada, sob os seus pés pequeninos e mimosos. Só tem a noção do Bem, que exerce largamente, e vive feliz assim, vive entre jubilos.

Chega a gente a sentir pena de que toda aquella felicidade venha a dissipar-se ao sopro da primeira paixão mundana!

O CAMINHO DO DEVER

Dois amigos e companheiros do trabalho cáem n'aquelle recinto encantador, ou por outra, n'aquella cidade, onde não falta coisa alguma para que a tentação seja grande. Mulheres lindas, palavras doces, vinhos deliciosos, flores, musica, manjares delicados. As palavras tentadoras, e os sorrisos, ainda mais tentadores do que as palavras, *illaquearam* o companheiro que esqueceu «o caminho do dever» resolvendo ficar. Mas elle, não. Ouve bradar a voz de consciencia, e, sem trepidar, antes com denodo e firmeza, abandona aquelle antro de perdição.

O amigo chasqueia-o, as mulheres esforçam-se ainda por allicial-o, mas elle fecha os ouvidos ás provocações, despreza os apupos do companheiro, esmaga dentro de si o lado fraco, que mais facilmente o arrastaria a ser escravo do que senhor, e resolutamente segue «o caminho do dever» que, apesar de ser coberto de abrolhos, conduz á gloria.

OS PRIMEIROS CHARUTOS

Foi-se á algibeira do pae, e fez mão baixa em dois charutos de pouco preço, que lá vio.

Trazia-a fisgada desde longo tempo. Queria experimentar as delicias d'uma fumaça, poder fallar de cadeira sobre as excellencias do tabaco.

Todos os homens fumavam, e elle, que se reputava já homem, não desejava ficar-lhes atraz.

Um dia fez gazeta da escola; escolheu, entre os garotos das suas relações, um que se lhe afigurou mais propenso a patuscadas, e lá partiram ambos, *bras dessous bras dessus*, para sitio ermo, a saborear os primeiros charutos.

O epilogo d'aquella frescata é facil de prever-se:—duas bebedeiras monumentaes.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

EXPEDIENTE

Tom Pouce declara mais uma vez aos srs. assignantes e leitores da *Illustração Portugueza* que nada tem de commum com a parte administrativa d'este semanario.

Redacção e administração conservam-se completamente independentes e separadas.

*

O illustre mathematico, sr. Moraes d'Almeida, não poude d'esta vez preencher a sua secção de *Problemas*, tão habilmente dirigida.

Na sua falta, damos cabimento a um problema, que nos foi enviado por um dos nossos assignantes.

TOM POUCE.

CHARADAS

NOVISSIMAS

Este tecido, que se move, é uma cidade—1—2.

Na musica é parente e come-se—1—2

E' prefixo esta ave e aquece—1—2.

Porto. ADELINO VALLE.

Esta flor corre para este appellido—2—2.

FANTOCHE.

EM VERSO

Sou Deus da mythologia,
Cujo nome encontrarão
em termos d'origem grega
a denotar multidão—1

Lá onde trata a grammatica
a questão do adjectivo,
ahi estou, usando alguns
chamar-me quantitativo—2

Quasi sempre faço bulha,
causo ás vezes prejuizo;
tambem se diz que me tem
quem não tem muito juizo.

MASCARADA.

EM TRIANGULO

. . . .	Nome proprio
. . . .	Adjectivo
. . . .	Na egreja
. . . . . .	Arvore do Brazil
. . . . .	Substantivo
. . . .	Peccado
. . .	Na garganta
.	Vogal

ENYGMATICA

Retribuição ao meu amigo J. Antonio da Cunha

Minha mãe, podem crei-o, leitores,
E' a prima e segunda chamada,
Apezar do convento olvidar,
Por já n'elle ter sido encerrada

Inda hoje, coitada, se lembra,
D'uma dôr que soffreu na terceira,
Quando a prima e a quinta tirava,
D'uma prisca, sem! prateleira.

Mas, desgraça maior inda teve,
Quando á rua sahiu sem calçado,
E, a terceira, de quinta e de prima
Se cobriu, ao passar um vallado!

Para cumulo de tantos successos,
Já de mais p'ra perder a cachola,
Inda a quarta com quinta fugiu
P'r'uma fisga que tinha a gaiola!

Para a quarta e a prima appellou,
Mas o appello de nada serviu;
Porque o Papa lhe disse que o todo
Era comba... e mais nada se ouviu.

Vizeu. O PEQUENO ANTONINHO.

LOGOGRIPHO

(Ao meu irmão Augusto Cesar da Silva)

Aqui certa ave
Tu has de ter;
Tambem nos mastros
Haveis de ver.—1—2—3—6

Ginete alado,
Constellação,
E que é do norte,
Não ha questão.—1—2—3—6—8—9

Que é multidão,
Totalidade
E corpo informe
Isso é verdade.—5—6—7—8—4

Ao logogripho
Ponto vou pôr,
P'ra que não digam:
—E's maçador!

CUSTODIO SILVA.

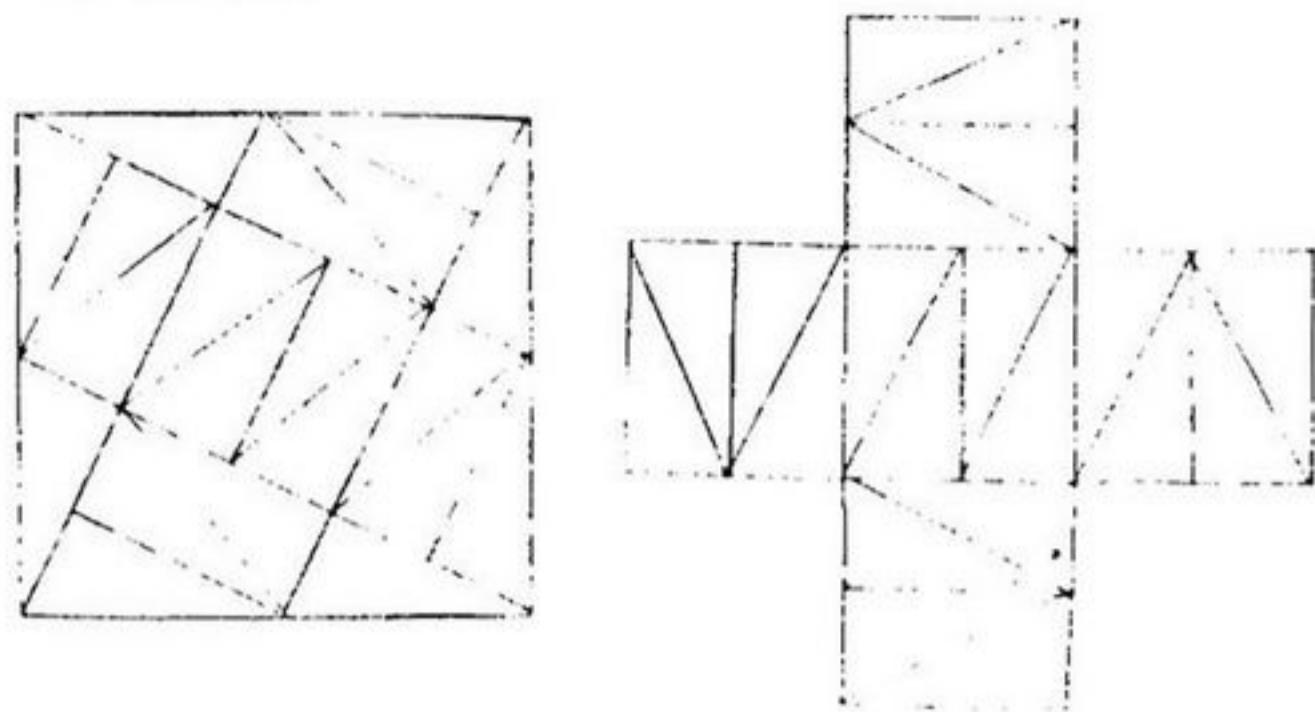
PROBLEMA

Qual é o numero que, dividido por 2, 3, 4, 5, 6, 8 e 9 dá de resto 1, e por 7 dá de resto zero?

JOSÉ AUGUSTO DA R. CALIXTO.

DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Capa—Salario—Secretario—Fadiga—Caparica—Immaterial.

Do ADAGIO:—Geada na lama, chuva na cama.
DAS ADIVINHAS POPULARES:—Condeça—Escuridão.
Do LOGOGRIPHO:—Candida.
Do PROBLEMA:

A RIR

Dois bons ditos de Edmond About, o illustre escriptor e jornalista francez, que acaba de fallecer:

Edmond About estava um dia no seu gabinete de trabalho, muito pensativo, e de penna na mão.

—O que estás tu a fazer? perguntou-lhe um amigo.

—Estou recapitulando todos os modos de ser tolo. Já registrei duzentos e trinta e sete mil sete centos e oitenta, e vou apenas em meio.

*

Como o governo republicano francez não recompensasse as suas brilhantes campanhas contra Mac-Mahon, Edmond About resignava-se com estas palavras:

—Offereceram-me tudo, acceitei tudo ... e não me deram nada!

UM DOMINÓ.

UM CONSELHO POR SEMANA

Contra o frio nos pés.—O meio, bem conhecido dos povos do Norte, consiste em envolver os pés n'um grande pedaço de papel, calçando-os depois em meias de lã e sapatos bem feitos e impermeaveis.

Convidamos as pessoas que soffrem habitualmente de frio nos pés—fertil em affecções morbidas— a ensaiarem aquelle systema usado pelos russos.

Não custa nada a experimentar.

A PÉGADA

(TEODORO BANVILLE)

I

Assentado no divan de setim azul do seu amigo Ernesto Labro, e fumando um magnifico charuto, Leão Georgery exhalou um suspiro, que obrigou Ernesto a interrogal-o.

—Estou apaixonado, disse Leão.

—A desgraça não me parece grande, volveu Labro. O teu fino bom gosto artistico garante-nos a belleza da mulher que escolheste, e com quanto não sejas, como eu, absurdamente millionario, possues a fortuna indispensavel para contrahir um bom casamento.

Qual é pois o motivo do teu desgosto?

—Não ha duvida que sou rico; mas a menina por quem estou apaixonado pertence a uma familia onde ha vinte elementos de ruina. Trata-se de Serafina Ternus, filha do sabio Pedro Ternus, teu inquilino. Pedro Ternus, que passa a vida fechado no seu gabinete, absorto na leitura dos caracteres phenicios e na contemplação das amphoras de vidro e das estatuetas de pedra verde, entrega fielmente á esposa o seu ordenado do Instituto e o dinheiro que lhe dão os editores; na sua ingenua boa fé, o velho erudito imagina que essas modestas quantias chegam para sustentar o *ménage*. A verdade, porém, é que as suas duas filhas, a mais velha, Herminia Ternus, casada com o logista Paulo Edmonds, e Seraphina, a mais nova, com quem eu desejaria poder casar, levam uma existencia ostentosa, usam toilettes de um luxo doido, e, sem que seu pobre pai nutra a menor suspeita, abandonam-se a extravagancias verdadeiramente ruinosas. As dividas augmentam todos os dias n'essa estranha casa, e desde o padeiro até á porteira as reclamações succedem-se a cada instante.

—Não posso, retorquiu Labro, aconselhar-te. E' possivel, no entanto, que o casamento opere uma mudança salutar nos habitos de Seraphina. O meu dinheiro está ás tuas ordens. Emfim, parece-me que a posse de uma mulher amada merece que tudo se affronte, até mesmo a pobreza.

II

—De certo, acudiu Georgery, e eu affrontal-a-hia sem hesitar; mas ainda não sabes tudo. Para obter Seraphina não basta expor-me á miseria; tenho tambem de associar-me a um crime, assumindo o emprego de carrasco; ha na familia Ternus uma victima expiatoria, uma especie de gata borralheira. E' a filha mais nova, a menina Genoveva. Instigada pela febre da dedicação e da renuncia, Genoveva mostrou desejo de entrar em um convento; foi então que a mãe, empregando argumentos artificiosos, lhe suggeriu a idéa de fazer-se irmã da caridade dos seus, abdicando, em proveito da familia, sem recorrer á clausura, todas as alegrias. Genoveva acceitou, ingenuamente, esta audaciosa ficção, e votou-se sem hesitar ás humilhações, aos trabalhos mais arduos, sem ter as compensações do recolhimento e da solidão.

—Visto isso, observou Labro, Genoveva é uma virgem martyr?

—Sim, confirmou Georgery, martyr e creada; em quanto sua mãe e irmãs passeiam no Bosque, ella, cozinha, esfrega, atura os crédores, a quem não póde offerecer senão promessas vagas, veste e educa os seus dois sobrinhos, e prodigalisa a seu pai os cuidados necessarios. E não contente de coser-lhe o facto e preparar-lhe a comida, associa-se aos trabalhos do sabio Ternus, ajudando-o a rever as provas, e indo a casa dos gravadores, dos desenhadores e dos livreiros. E tudo isto faz a pobre Genoveva, miseravelmente vestida, caminhando a pé, mesmo nos dias de chuva, e não possuindo nem um simples guarda chuva que a abrigue!

—Mas, exclamou Labro, é essa e não a outra que tu deverias amar. Ah! agora percebo, Genoveva é horrorosa!

—Talvez, volveu Georgery; nunca tratei de averiguar; de resto, Genoveva tem sempre a cabeça baixa e os olhos cravados no chão. Depois, o seu fato é tão pobre que só o seu aspecto afugenta. Emfim, tu bem sabes, meu amigo, o amor é caprichoso e irreflectido, e eu daria todos os thesouros da terra pelos bellos olhos verdes de Seraphina.

—Deves ter razão, acudiu Labro, os amantes tem sempre razão.

Depois d'este dialogo os dois amigos sairam. Ao chegarem ao bosque de Boulogne, e emquanto conversavam ácerca da existencia humana e das suas dolorosas injustiças, uma tempestade rebentou de subito e começou a chover torrencialmente. Labro alugou um fiacre, foi levar Georgery á porta da sua residencia e recolheu a casa. O creado de quarto de Leabro saira; Leabro entrou no seu gabinete, onde o aguardava uma estranha surpreza.

III

O fundo branco da alcatifa estava molhado, como se alli houvessem despejado baldes d'agua; na lã humida e empastada destacava-se, feita pelas solas de duas botinas enlameadas, a dupla pégada de um pé de mulher, mas de um pé tão pequeno, tão gracioso, tão elegante e tão bonito que, ao fital-o, Ernesto Labro sentiu-se abrazado de um subito amor. Contemplou por muito tempo as seductoras pégadas e comprehendeu que amava e que amaria até á morte aquella cujos pés tinham deixado alli, na neve do tapete, o seu perturbador e mysterioso traço.

O creado José, que regressara a casa, informou o amo, que durante a sua ausencia uma senhora desconhecida, que não quizera dizer o nome, o esperara.

Vagamente, e não podendo desviar os olhos do tapete, Labro lembrou-se do que lhe contára o amigo, a proposito da pobre Genoveva Ternus, caminhando ao vento e á chuva. Na preoccupação que se apossara d'elle, afigurava-se-lhe que só a filha do velho sabio estava exposta a essas inclemencias, e que, por conseguinte, só poderia pertencer-lhe a ella o pé que imprimira ali o seu divino contorno. Sim, evidentemente esse pé, modelado por uma pasta de lama, que o creado recebeu ordem de conservar intacta, era de Genoveva!

A' noite, em sonhos, Labro viu esse pé de imperatriz ou de juvenil caçadora, não, aprisionado em uma botina encharcada, mas nu, no esplendor harmonioso da fórma, similhante a um marmore animado, com os seus dedos longos e separados e as suas unhas transparentes como conchas de nacar, frescas como petalas de rosa, e viu tambem o adoravel pé, o pé de Genoveva Ternus, cingido por um cothurno constellado de resplentes pedrarias.

Logo que amanheceu, Ernesto Labro esperou Genoveva com uma impaciencia febril; procurara-o, não o encontrara; forçosamente, devia voltar. O mancebo não experimentou, por conseguinte, a menor surpreza ao ver entrar Genoveva, timida, curvada, mas aerea e leve como uma avesinha; por um abençoado acaso, o pé de Genoveva pousou na pégada que deixara na vespera e cobriu-a com uma tão perfeita exactidão, que Labro adquiriu de repente a prova definitiva e sentiu que tinha na sua

presença a donzella esperada e desejada no vago encanto do sonho, a querida e ideal bem amada!

—Senhor, disse ella, meu pai encarregou-me de lhe supplicar que nos poupe ao vexame de uma penhora; com grande pezar seu, não lhe é possivel satisfazer desde já a importancia do aluguel da casa que habitamos.

—Minha senhora, volveu Labro, tranquillise-se. Tomarei as necessarias medidas para que o illustre sabio nunca mais soffra o menor incommodo, no genero d'esse que me expõe, e para isso deliberei offerecer-lhe a propriedade da casa em que elle rezide; mas, permitta-me que lhe falle de assumptos mais serios.

Admirada, tremula de assombro, Genoveva Ternus ergueu a fronte, e Labro, deslumbrado, viu-lhe o rosto pallido, espirituoso, expressivo, de feições delicadas e altivas, illuminadas pelo divino jubilo da caridade inexgotavel. Nos castos olhos d'essa menina, sombreados de longas pestanas sedosas, brilhava a intelligencia que tudo comprehende e adivinha, e no seu labio tranquillo deslisava a ineffavel doçura de um sorriso côr de rosa.

Accedendo a um gesto de Labro, Genoveva assentou-se; o mancebo conservou-se de pé, e fallou-lhe com uma voz commovida e tremula, onde se sentia a expressão de um respeito profundo.

OS PRIMEIROS CHARUTOS (Quadro de J. Hintze)

IV

—Minha senhora, disse elle, minha mãe, que tambem se chamava Genoveva, possuia avultada riqueza; minha mãe empregava a sua enorme fortuna em consolar os pobres, os doentes, os opprimidos, todos os desgraçados. E não lhe bastando a prodigalidade com que distribuia incessantes esmolas, mitigando os soffrimentos da fome, vestindo as creanças nuas, soccorrendo os desvalidos que se occultam, ella curava com as suas proprias mãos as chagas, preparava o leito dos enfermos e consolava todos os infortunios, sem inflingir conselhos, nem investigações humilhantes. Minha mãe desempenhou na terra a missão de irmã da caridade, ardente, infatigavel, risonha e paciente; quando me disse o supremo adeus, eu vi reflectir-se nos seus olhos a radiosa serenidade do céo azul. A santa legou-me os milhões que serviram á execução da sua piedosa tarefa, mas não me transmittiu a possibilidade de a continuar! Falta-me para isso a chamma do amor que a abrazava, a voz que cura e conforta, as doces e carinhosas mãos que pensam as feridas! Pois bem! seja minha esposa, supplico-lhe; seja a filha que ella amaria e escolheria entre todas, e receba a sua verdadeira, a sua mais preciosa herança. Reflicta no numero de mulheres e de creanças que póde arrancar ao abysmo! Não me pergunte como e porque a amo, embora lhe pareça que a vejo hoje pela primeira vez; não preciso explicar o que a sua alma não deixará de comprehender!...

—Mas, balbuciou Genoveva, perturbada, hesitante, tremula de deliciosa commoção, eu pertenço aos meus...

—Ah! replicou Labro, os seus são todos aquelles a quem a pobreza e a injustiça dilacera e opprime. Creia que não é meu intento privar o illustre Pedro Ternus dos piedosos cuidados de sua filha; quanto a sua mãe e irmãs, a riqueza habilital-as-ha a prescindirem dos seus serviços.

Duas almas ingenuas e puras como as de Ernesto Labro e Genoveva Ternus não poderiam deixar de entender-se; a segunda Genoveva substituiu dignamente a primeira; e em vista do desapparecimento da gata borralheira, Georgery casou com Seraphina.

As sr.as Georgery e Edmons vão repetidas vezes jantar a casa de sua irmã, que, sem prejuizo dos seus merecimentos e encantos, continua a ser uma incomparavel cosinheira; mas nenhuma das duas irmãs conseguiu ainda habituar-se a ver o formosissimo pé de Genoveva, calçado em setim e perolas. As duas lastimam todos os dias sua mãe, e Seraphina diz-lhe:

—Minha pobre mãe! que infelicidade a sua, ver-se obrigada a ser servida pelas creadas!

ESMERALDA.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal		Em todo o Brasil	
Anno, 52 numeros....	1$560 réis.	Anno, 52 numeros...	8$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros..	780 »	6 mezes, 26 numeros.	4$000 » »
3 mezes, 13 numeros..	390 »	Avulso..........	200 » »
No acto da entrega....	30 »		

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Typographia do «Diario Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa